

RESUMO - Catarina

Nesses 2 Capítulos a autora compartilha seus pensamentos acerca do hibridismo entre Cinema e Teatro. Traz a relação do teatro gravado, defendendo a tese de que o cinema nasceu do teatro e as duas linguagens pertencem as artes dramáticas. Que o hibridismo entre o cinema e o teatro surgiu quando os filmes começaram a participar da programação, passavam nos intervalos ou nas grandes trocas de cenário, e assim nasceu um novo jeito de trazer novas narrativas e de certa forma uma proximidade com o público. No texto há o recorte histórico de quando a linguagem cinematográfica começou a agregar para a linguagem teatral.

CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO PARA A PESQUISA

Em Marias e Madalenas queremos trazer o teatro Híbrido, trazendo a linguagem cinematográfica para o palco, de um jeito que as personagens ali presentes dialoguem com esse elemento cinematográfico. A pesquisa e fala de Maíra sobre a relação das duas linguagens nesses dois parágrafos é interessante, ver como surgiu esse hibridismo e o porquê de ter surgido, como os teatrólogos da época pensaram em que e como a linguagem cinematográfica durante a peça iria agregar a contar a história e ao diálogo com o público. As referências são interessantes, para pensarmos em como aplicar esse hibridismo em nossa dramaturgia de forma que traga mais identidade e diálogo sobre o tema.

PESQUISA AMPLIADA (definições complementares, conceitos extraídos de outros autores e materiais adicionais pesquisados. Pode ser organizado em uma tabela)

CITAÇÃO	COMENTÁRIO
A influência das tradições teatrais foi decisiva sobre o gênero cinematográfico. O cinema surge ancorado no teatro: os primeiros filmes eram "teatro filmado".	
A principal preocupação do cineasta era camuflar a origem teatral do modelo e adaptá-lo para o cinema.	porque mesmo que estejamos falando de hibridismo entre os dois, são duas linguagens diferentes que trazem técnicas diferentes. O cinema é tudo calculado, planejado para que se pareça natural, mesmo que esteja tudo sendo controlado para isso. Já no teatro é o contrário não há esse disfarce, e tudo no

	teatro é maior e muitas das vezes menos natural e mais espontâneo.
Por outro lado, com a chegada do filme em cena, alguns artistas inovadores do teatro começam a perceber um potencial artístico inexplorado na utilização de imagens projetadas em movimento no palco.	
O filme no teatro como passatempo teria a função de distrair os espectadores durante as mudanças de cenário. Em espetáculos em que essas trocas exigem grandes pausas, é compreensível querer uma certa fluidez na sucessão de. Assim, as imagens projetadas geravam uma continuidade de ação com o jogo de cena.	Temos vontade de passar cenas como se fossem memórias, cenas gravadas de memórias das próprias personagens, entrando na hora que as mesmas comentam sobre. Marias e Madalenas teria troca de cenário no físico ou apenas no cenário “irreal” representado no artifício audiovisual projetado na tela? Se sim, essas cenas gravadas de forma cinematográficas apareceriam em possíveis trocas de cenário e;ou personagens ?
O filme no teatro como cenário reforçando a ilusão: aqui, a procura de efeitos realistas é uma outra razão de introdução das projeções no teatro.	Tratar de realidade com ficção, fazer que os flashbacks sejam assim.
Em geral, tratava-se principalmente da utilização de filmes já realizados e não especialmente filmados para as encenações em questão	Não é nosso caso. Queremos retratar memórias das personagens ali representadas. Essas interferências apareceriam quando as personagens comentassem dela, e viria um flashback.
Os criadores de teatro procuram integrar a tela em outros elementos cenográficos.	Projeção em diferentes formatos de base, não apenas em um telão convencional. Isso traria mais proximidade ou estranhamento... Pensar no que projetaríamos as cenas das memórias de Marias e Madalenas. Lendo veio na minha mente a projeção acontecendo na frente de todo o cenário, como se tivesse um pano invisível na frente que é capaz de receber uma projeção.

<p>O filme no teatro como elemento espetacular: são as primeiras criações, misturando de fato teatro e cinema. Se concentram igualmente sobre o caráter espetacular do filme. Na tradição do melodrama, o filme é utilizado para as apresentações espetaculares que visam emocionar os espectadores. Desta forma, o uso do filme se desenvolve menos no teatro convencional do que no teatro de variedades ou com os mágicos. O cantor, acrobata, cômico, ator, diretor e cineasta francês André Deed é um dos primeiros a unir o filme e o teatro de uma maneira sistemática.</p>	<p>Porquê antes percebe-se que o artifício do filme projetado era apenas para servir de cenário ou de distração em reajustes no palco para a próxima cena. Mas ainda não se pensava em um diálogo com aquela imagem ali projetada, de forma que ela faça parte da narrativa e seja importante para a história e para o diálogo e entendimento do público. Em Marias e Madalenas o que queremos é fazer que esse elemento projetado seja um personagem ali que também ajuda a contar a história e a concretizar em imagens mais reais o que aquela personagem está contando, para trazer ao público a sensação que aquilo de fato aconteceu</p>
<p>A utilização de parede de fundo de cena como área de tela sobre a qual são projetados os elementos de origens diversas (reproduções de quadros, slides e imagens de cinema ou vídeo) constitui praticamente uma etapa decisiva que se desenvolve nos anos 1960. Mas esta tendência tem origens mais antigas, uma vez que não se trata apenas de prolongar, sob uma forma diferente, a tradicional tela pintada ao fundo da cena. Desde então, o cinema se juntará a isso, quase naturalmente, na lógica da pintura, da foto e dos jogos de luzes. Através disso, segundo Prédal (2013, p.19,20) o teatro aspira englobar as outras artes, incluindo o cinema. O que não é surpreendente, se consideremos que o cinema e o teatro pertencem à mesma arte, a arte dramática.</p>	<p>Teatro e Cinema são considerados do mesmo núcleo, os dois vistos como artes dramáticas.</p>
<p>imagens digitais chegam ao teatro, nos anos 1980,</p>	

<p>Segundo Prédal (2013, p.21), na década de 1980 o audiovisual invadiu o teatro, dando origem ao "teatro de imagens". Tal teatro consistiria, de fato, mais em mostrar do que em dizer, e talvez, melhor ainda, em colocar em cena palavras e imagens juntas. Simplificando, constatamos que isso pode se realizar de três maneiras: seja compor os “quadros vivos”, seja introduzir o cinema (uma tela com as imagens em movimento), seja desdobrar o que se desenrola sobre a cena por um registro (e a projeção) ao vivo. São três formas diferentes de introdução de imagem, mas todas têm em comum a sua dimensão icônica.</p>	<p>Querendo ou não o cinema consegue trazer mais realidade e verdade naquilo que esta sendo exibido ali, por conta da técnica do natural, por conta de toda a proximidade que a câmera consegue estabelecer entre personagem e telespectador. Introduzir o cinema em uma peça de teatro chama e prende mais a atenção do público, pois há mais movimento e recuo</p>
<p>O fato é que as imagens animadas podem fazer muito mais, e elas o provariam rapidamente, sobre estas telas colocadas em cena. Esta função básica da tela sobre a cena, abrindo o espaço fechado com suas visualizações (fixas ou animadas), pode indicar também a época, o contexto histórico através de imagens cinematográficas</p>	<p>Os flashbacks. A personagem estará contando o passado e essa memória aparecerá como um filme na tela.</p>
<p>A ideia de teatro visual ou teatro de imagem privilegia o cinema/vídeo/DVD, assim como a montagem da história.</p>	
<p>o cineasta compreendeu que não precisava acrescentar nada a seu cenário, que passa a ser intensificado pela câmera. No teatro, o cenário é um lugar materialmente fechado, limitado, circunscrito; segundo Bazin (2014, p.181)</p>	<p>Talvez seja o caso do cenário do Palco ser minimalista e o do que está sendo projetado ser mais elaborado. E o cenário do palco seja mais imagético, e a própria personagem que cita o que se encontra ali em cena, mesmo não estando ali.</p>
<p>Na atualidade o teatro utiliza cada vez mais a câmera, o vídeo e os telões, deixando o espectador confuso. O ator está ou não ali?</p>	<p>Queremos causar isso ?</p>
<p>é necessário passar do teatro à teatralidade do cinema, e propor simetricamente a reflexão sobre a "cinematograficidade” do teatro:</p>	<p>são linguagens postas diferentes, com atuações de técnicas diferentes, porém uma bebe da outra</p>

<p>No filme "Pina" (2011), de Win Wenders, temos a sensação de estarmos no teatro assistindo o espetáculo ao vivo. Ou seja, este jogo com o espectador acontece nas duas artes e chegam a se fundir, como por exemplo nas encenações de "Os Cegos" por Denis Marleau e de "Eraritjaritjaka" por Heiner Goebbels</p>	
<p>A limitação do lugar de ação, o encadeamento temporal dos acontecimentos, a aproximação que se realiza no nível da interpretação dos atores e dos movimentos de câmera, o enquadramento frontal em planos-sequência, com profundidade de campo, entre outros recursos, são todos procedimentos usados por cineastas para aproximar cinema e teatro.</p>	<p>A câmera é capaz e trazer mais proximidade entre ator e plateia.</p>
<p>Este teatro híbrido coloca o espectador diante da opção de "absorver" algo real ou algo imaginário. Mas por que a imagem é o que mais o fascina? Segundo Lehman, a imagem é extraviada da vida real, ela liberta o desejo das pessoas e eleva o real à dimensão dos sonhos.</p>	
<p>Um exemplo é o espetáculo "Os Cegos", de Denis Marleau onde a combinação de teatro e vídeo faz com que atores se encontrem num espaço inacessível aos espectadores, tornando a relação entre público e plateia mediada pela câmera dentro do teatro.</p>	
<p>Simetricamente, para o teatro a sensação de cinema vem constantemente da impressão de uma combinação de imagens em uma continuação inédita. Percebemos como fluidez cinematográfica a acumulação rápida de ações marcadas pelos encadeamentos que podem se basear em completas mudanças de cenários, ou a evolução da construção do espaço pela luz: a continuidade parece, assim, mais induzida pela imagem do que pelo gesto. Tanto o movimento do corpo (mesmo se podemos imaginar as influências das formas de presença cinematográfica sobre o teatro) quanto o movimento geral das imagens</p>	

<p>ou da consciência não se tratam de um desfile de imagens que se faça sobre um ritmo construído pela montagem ou na continuidade de um plano-sequência. Além disso, aplicar ao teatro os meios de criação cinematográfica é o rejuvenescer, dar-lhe um novo fôlego. A teatralidade no cinema e a cinematograficidade no teatro são duas formas de movimento, criadas pelo jogo de mimetismo e de diferenciação entre as duas artes.</p>	
<p>Neste cenário híbrido, uma questão importante é a do convívio entre ator e espectador. Com a utilização do vídeo em cena, a câmera passa a ser um veículo mediador desta relação. O ator se relaciona com e através da câmera. Para Cocteau (apud BAZIN, 2014, p.171) o cinema era um acontecimento visto pelo buraco da fechadura.</p>	<p>A personagem comentará o que estava passando pela tela? Ela vai saber o que estará passando por meio de imagens projetadas, o que ela acabou de contar ?</p>
<p>E, neste contexto híbrido, vale ressaltar que surge uma nova forma de ver-se e ver o outro. E que os atores passam a contracenar com a câmera e com o público simultaneamente, durante o aqui e agora da cena. Para Spritzer (2013, p.148), "a forma de estar em cena já não significa ter um personagem dramático, mas sim representar imagens, movimentos, ações cuja lógica está vinculada ao próprio ator e à recepção do espectador"</p>	
<p>Espectáculos que utilizam projeções cinematográficas, videográficas, que fazem uso da câmera em cena, assumindo o fazer do cinema em cena, são cada vez mais usuais no teatro.</p>	<p>Maias terá câmera em cena? Como?</p>
<p>É possível, também, que agora a única mise-en-scène teatral e moderna de certas obras clássicas apenas seja possível no cinema. O vídeo pode difundir instantaneamente o que ele capta e, graças ao microprocessador, o retratar em tempo real. A digitalização oferece possibilidades inéditas de colagem e de montagem, de aparição e de desaparecimento dos objetos e dos personagens.</p>	

